

RESENHA

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 8.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

Resenhado por Eliane Maria de Oliveira GIACON - UEMS

O romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1988)¹ tem como enunciado a história de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, que volta do Brasil, em 1936, após um auto-exílio, devido ao seu desejo de fugir de qualquer tipo de revolução. Durante algum tempo, ele vive no hotel Bragança, em Lisboa, quando faz muitos percursos pela cidade, entre os becos e ladeiras, embaixo de chuva como um turista de sua terra natal, passando pelos mesmos lugares e tendo como pontos fixos: as estátuas de Camões e do Gigante Adamastor.

Nesse ínterim, Ricardo Reis ocupa-se de ler um livro *The god of the labyrinth* de Herbert Quain, cujo título lhe chamou a atenção pelo fato da escrita ser de fácil entendimento, pois a forma britânica do *Genitive Case* dava uma ordem direta aos termos da oração semelhante ao que ocorre com a gramática da Língua Portuguesa, contudo ele nunca acaba de ler esse romance policial, cujo enredo baseia-se na investigação de um assassinato. Além dessa leitura, os jornais são companhias diletas de Ricardo Reis, nos quais suas leituras vagueiam desde a primeira página com notícias sobre os nacionalismos europeus da época, até as páginas que relatam temas locais como o de uma cadela, que come os filhotes.

Nos jornais, ele lê sobre a morte de Fernando Pessoa e vai até o túmulo dele, a fim de visitá-lo. Na mesma noite, Pessoa vem visitá-lo e os dois começam uma conversa a respeito de assuntos, que povoam o universo tanto ficcional quanto histórico.

Ricardo Reis e Fernando Pessoa analisam a ditadura de Salazar, o Nazismo, a Guerra Civil Espanhola, a Guerra da Etiópia, os poemas de Ricardo Reis, bem como os temas que não foram desenvolvidos na obra *Mensagem* do homônimo Pessoa. Os temas e os acontecimentos históricos do ano de 1936 trazem o homônimo e o heterônimo do nível literário para o humano, fazendo-os transitar num labirinto, cuja única luz vem da certeza de que a passagem da vida para a morte ocorre aos poucos. E que a morte não é um fim, mas

sim o começo de uma nova existência, na qual separados o corpo e a alma, há a possibilidade de uma evolução espiritual do homem.

O hotel Bragança é ponto de confluência de quatro Ricardos: o primeiro, o heterônimo criado por Fernando Pessoa, que busca reunir criatura e criador; o segundo é um homem, macho da espécie humana, que busca encontrar-se entre duas mulheres: Lídia e Marcenda; o terceiro é um cidadão do mundo, cujos fatos históricos do ano de 1936 marcam-no como um microcosmo que se interliga ao macrocosmo pela força da metaficção e o último é um português desterrado, cuja capital de seu país é um labirinto, no qual um “deus”, um Teseu do século XX, busca caminhos de interpretar-se e interpretar o mundo.

A cada um desses Ricardos, o narrador heterodiegético molda-os com elementos da narrativa que podem ser resumidos da seguinte forma: ao primeiro, a intertextualidade e a intratextualidade, que contribuem para uma revisão da Literatura Portuguesa a partir de Camões chegando até os poemas de Ricardo Reis e Fernando Pessoa. O início desse processo é marcado pela visita de Pessoa a Ricardo Reis, no hotel Bragança, na qual eles descobrem, que o criador está num processo de desconstrução do homem e do seu pensamento. A forma encontrada por F.P. para retardar esse esquecimento é meio mnemônica, porque ele utiliza alguns marcos como a estátua do Gigante Adamastor para não esquecer do apartamento de Reis, bem como para não perder o pensamento holístico sobre a poética. Ao final das visitas, que ocorre no apartamento alugado por Ricardo, no alto de Santa Catarina, Fernando Pessoa vai se esquecendo das coisas, das palavras e dos textos, enfim de tudo que o liga ao mundo terreno.

Fernando Pessoa faz uma análise intratextual dos seus poemas com os de Ricardo Reis, ao mesmo tempo em que eles discutem os acontecimentos históricos do ano de 1936. Além dessa intratextualidade, a intertextualidade com a Literatura Portuguesa é efetuada de forma implícita e explícita. Implícita na descrição de personagens tipos, na mesma linha realista de Eça de Queiroz, ao retratar de forma estereotipada o povo português. Explícita ao citar diversas vezes a poética clássica, tendo Camões como modelo no intuito de contrapor a epopéia à poética da modernidade, que é centrada no indivíduo e não no herói nacional.

O segundo, o Ricardo homem, como os outros homens de seu tempo, está num labirinto, que não é apenas espacial, nem tão menos o literário, nem muito menos o ideológico, mas o labirinto existencial, no qual ele não sabe de qual “Ariadine”, ele receberá o cordão. E essa dúvida, que faz o personagem Ricardo Reis interessar-se por Marcenda, filha de Sampaio,

desde que a conhece no hotel até quando ele a procura na cidade de Fátima. A busca por Marcenda se transforma na busca pela espiritualidade perdida, que o faz desejar um encontro com a fé, com o alto e com a crença de que há um objetivo para tudo, inclusive para o fato da moça ser deficiente de um braço.

Lídia, por sua vez, é sua musa, calma serena, que não exige nada e apenas lhe dá companhia, amor, sexo e um filho, sem lhe pedir nada. Contudo quando explode a Guerra Civil Espanhola e o irmão de Lídia, como tantos outros jovens idealistas e comunistas, se alista para fazer parte de uma grande frente, formada por combatentes vindos de todas as partes do mundo, a fim de lutarem contra Franco, ela passa a opinar sobre questões políticas com Ricardo, cujas idéias anti-revolucionárias fazem dele um homem alheio ao que está passando a sua volta. Esse Ricardo perdido em meio ao contexto histórico do seu tempo, encontra no amor de sua musa Lídia, um fio da lâ, que o conduz nesse labirinto, ligando-o aos outros Ricardos.

O terceiro Ricardo lê jornais, cujas notícias versam sobre fatos da atualidade do ano de 1936 com notícias, que se referem a ele, ao mundo e a cidade de Lisboa. Uma das notícias refere-se a morte de Fernando Pessoa ocorrida no ano anterior; outra refere-se às guerras que estão iniciando ou acabando naquele ano; outra aos movimentos nacionalistas e comunistas em embate por toda Europa e África, por fim sobre a cidade de Lisboa, cujos fatos corriqueiros como da cadela Ugolina, que comia os próprios filhos, intertextualizam com o personagem Ugolino da *Divina Comédia* de Dante Alighieri. As notícias provocam nesse Ricardo uma reflexão sobre o poder da palavra e da escrita, que o faz escrever continuamente sobre tudo que o cerca e a relação desses fatos macrocósmicos com o microcosmo do universo dos heterônimos de Fernando Pessoa, os quais configuram-se como marcos pelos quais o poeta Ricardo Reis, ora se orienta ora se perde nesse labirinto, cujo tempo é o fio condutor de todos os homens.

O quarto, um português desterrado, cuja vida é observada por todos que o cercam, inclusive pela polícia, que o investiga. Ele se torna um objeto de investigação e observação, que pode ser observado no hotel, quando Sampaio sabe que Lídia dorme com ele, e como forma de puni-la lhe impõe muitos serviços. Sua atitude assemelha-se a dos torturadores das ditaduras, cujo sadismo era uma forma de realização pessoal. Na rua, repete-se a presença de velhos, que o observam a ponto de brigarem pelo jornal que ele joga fora.

As atitudes das pessoas e dos órgãos de repressão funcionam no texto como uma metáfora das ditaduras, cujas notícias deveriam passar por censores e todos sabiam da vida de todos. Em seu apartamento, as vizinhas o vigiam o relacionamento com Lídia. Inclusive há um homem chamado Vitor, que lhe faz perguntas sobre sua vida pessoal e sua viagem ao Brasil. Esse Ricardo caminha pelos becos e alamedas de Lisboa, tendo como ponto de contato nesse labirinto da cidade, as estátuas de Camões e do Adamastor. São esses os marcos pelos quais ele passa sozinho ou com Fernando Pessoa. O espaço aberto de Lisboa o leva aos lugares, onde o heterônimo viveu bem como a outros, que Reis descobre como um turista, que se perde e se encontra nas infinitas possibilidades de vida do homem moderno dentro da cidade, onde ele pode caminhar a fim de encontrar uma resposta ao seu mundo árcade.

Saramago apodera-se do fato histórico-literário, de que com a morte de Fernando Pessoa em 1935, um de seus heterônimos, Ricardo Reis, havia ficado vivo e auto-exilado no Brasil. Esse fato produz no romance resenhado um material interessante, pois essa ponta solta da poética pessoiana retorna à Lisboa e inicia um percurso pelos diferentes labirintos acima citados, que o tornam um Teseu em busca de uma saída para o homem moderno, cuja solução acaba sendo a morte.